

RELAÇÕES EM DESCOMPASSO: Lazer, gênero e violência no Vale do Itajaí-Mirim

Renato Riffel*

RESUMO: Partindo da análise de determinadas atividades de lazer existentes na região do Vale do Itajaí-Mirim, em Santa Catarina, pretende-se tecer algumas considerações sobre as relações de gênero e violência. Ao analisar os bailes populares, na década de 1940, percebe-se que a afirmação dos valores viris apresentam-se como uma forma de manutenção do status de dominação que devem ser demonstrados não somente perante as mulheres, mas também perante o grupo aos quais os homens pertencem. Apesar das mudanças de comportamentos que ocorrem a partir da década de 1970, a imagem modelar de masculinidades divulgada e sustentada como um ideal a ser perseguido, continua prevalecendo. A contínua diversificação dos cenários sociais possibilitam aos homens a oportunidade de se repensar a partir de novos códigos vigentes, podendo contribuir dessa forma para a diminuição da violência.

Palavras-chave: gênero, violência, masculinidades.

ABSTRACT: Starting with the analysis of certain leisure activities existent at the Itajaí-Mirim Valley, in Santa Catarina, it is intended to write some considerations between the relationships of the gender and the violence. When analyzing the popular balls that used to be part of the fun of the population in the 40's, it is noticed that the virile masculinities affirmation values are presented as a way of status maintenance of domination that must be demonstrated not only towards women, but also towards the group which men take part. As we advance in time, we verify that despite the changes of behaviors that occur from the 70's on, the male image role model divulged and supported as an ideal one to be pursuit still prevails. The continuous diversification of the social scenarios enables men to have the opportunity to rethink this, starting from the current codes, promoting and it may contribute, this way, with the decreasing of the violence.

Key words: gender, violence, masculinities.

* Aluno do Mestrado em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) do Centro de Ciências Humanas da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Partindo da análise de determinadas atividades de lazer que existiam na região do Vale do Itajaí-Mirim pretende-se tecer algumas considerações sobre as relações de gênero e a violência. Contrapondo períodos históricos e gerações distintas, num primeiro momento analisaremos a década de 1940, quando a atividade rural compreendia a base da economia da localidade. Num segundo momento, tomaremos como fonte de análise a década de 1970, época de transformações comportamentais, quando os jovens da região já se distanciavam do meio rural ao ingressar no trabalho fabril nas localidades vizinhas. Finalizando, propomos uma breve análise das mudanças comportamentais que se encontram em curso na atualidade, segundo apontam alguns estudos acerca do tema.

Para as reflexões neste trabalho, tomou-se como base as narrativas coletadas de seis pessoas de ambos os sexos, com idades entre 53 a 89 anos, todos moradores da localidade de Guabiruba Sul, no município de Guabiruba¹, no mês de outubro de 2008. Os nomes aparecem de forma fictícia a fim de preservar a identidade dos mesmos. A escolha dos entrevistados deu-se pela verificação da sua efetiva participação nas atividades de lazer estudadas, pela disponibilidade dos mesmos em permitir o registro dos depoimentos e pela facilidade de acesso aos mesmos, já que moram na mesma localidade do pesquisador.

A coleta dos relatos das experiências vividas por estes homens e mulheres tiveram como suporte metodológico determinados instrumentos da história oral, fazendo-se uso da pesquisa qualitativa e de entrevistas temáticas. Para DELGADO (2006), a história oral é:

um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2006:15).

Para a autora, a pesquisa qualitativa tem como característica fundamental a singularidade e a não-compatibilidade com generalizações, possibilitando recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões, permitindo ainda a associação entre acontecimentos da vida pública e da vida privada. Já as entrevistas temáticas se referem a narrativas de experiências e processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. Ainda segundo DELGADO (2006), “história, tempo e memória são processos interligados onde se cruzam intersubjetividades

¹ Conforme nos relata SEYFERTH (1974), a colonização do Vale do Itajaí-Mirim teve início em 1860, data da fundação da colônia de Brusque e da chegada dos primeiros imigrantes vindos da Alemanha, chegando mais tarde os colonos de origem italiana e polonesa. Esses imigrantes estabeleceram-se na área geográfica que atualmente compreende os municípios de Brusque, Guabiruba, Botuverá e Vidal Ramos. O município de Guabiruba emancipou-se politicamente de Brusque em 1962.

entre o tempo passado e o tempo presente, e onde se apresentam as dimensões do tempo individual e as do tempo coletivo”.

A temática da violência tem sido objeto de estudos e debates nos mais diversos setores da sociedade, e embora possa apresentar-se como um assunto complexo e passível de inúmeras interpretações, o que se pode constatar é que a mesma esteve e está presente no nosso cotidiano, é algo que podemos encontrar em toda parte. Os estudos das questões de gênero, através do referencial teórico-metodológico da História Cultural, têm possibilitado a reflexão sobre alguns significados que atribuímos à violência na atualidade. DAVI (2005: 87) nos fala que “o olhar do (a) historiador (a) para além do seu tempo faz perceber que cada cultura estabelece parâmetros a partir dos quais caracteriza as condutas como violentas ou não.” Dessa forma, as análises que se seguem procuram discutir algumas questões referentes às relações de gênero e, principalmente, as relações entre violência e masculinidade, no momento em que esta se apresenta como recurso para a manutenção dos valores machistas e heterossexistas, bem como para a afirmação da virilidade.

Tendo surgido a partir dos estudos cuja abrangência estava vinculada a pesquisas e ações desenvolvidas por mulheres e para mulheres, os estudos de gênero tem sido cada vez mais utilizados em trabalhos com a população masculina. Segundo SCOTT (1990:75), gênero representa “uma forma de identificar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres.”. Vários desses estudos encontram-se direcionados para discutir como alguns comportamentos e atitudes dos homens limitam aspectos da vida dos mesmos, bem como o impacto que causam na vida de mulheres, idosos e crianças. Um desses comportamentos é o uso da violência como forma de afirmação da masculinidade.

As atividades de lazer existentes na região que abrange este estudo, na década de 1940, segundo relatos de PIAZZA (1960) e MAMIGONIAN (1960), compreendiam tanto a esfera do espaço privado (casamentos, batizados, festas de Natal e Páscoa), bem como festas públicas (festas religiosas, festas de clubes de tiro e bailes populares), criando dessa forma espaços de convívio entre os moradores da mesma localidade, ou ainda destes com moradores de regiões circunvizinhas. Tomaremos como base para esta análise, inicialmente, os bailes

populares que aconteciam no meio rural², na localidade que compreende hoje o município de Guabiruba.

Segundo relatos dos entrevistados, esses bailes eram bastante comuns. A grande maioria deles acontecia quase que semanalmente, sempre aos domingos à tarde, ficando conhecidos por isso como “domingueiras”. Nessas “domingueiras”, ao som das gaitas de mão ou *estraddella*, as mulheres e os homens solteiros se divertiam, paqueravam, bebiam e dançavam até o final da tarde, esquecendo um pouco do trabalho duro e pesado na lavoura. É nesse cenário também que podemos verificar a relação entre violência e masculinidade, expressa no depoimento de Avelina, hoje com 78 anos de idade: “*Ficavam os homens de um lado e nós mulheres de outro. (...) Aí um deles vinha tirar pra dançar. Tinha que ir, não podia negar. Se negava, a briga já começava. (...) Tinha que ir, mesmo não querendo.*”

A imposição da vontade masculina parece sobrepujar a feminina, e encontra eco nos estudos de BOURDIEU (1999) e WELZER-LANG (2001), para quem a dominação das mulheres pelos homens ocorre de maneira coletiva e individual, tanto na esfera pública como privada, atribuindo aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos. Esse exercício de controle gira em torno da centralidade do poder masculino, inserindo os sujeitos históricos numa cultura caracterizada por relações sociais hierárquicas e por relações desiguais de poder. DAVI (2005) considera, citando Peter Gay, que os valores ligados ao culto da masculinidade foram extremamente valorizados nas sociedades ocidentais desde a antiguidade clássica. Assim, desde esse período, a educação dos homens esta pautada pela busca da defesa da honra pessoal, pelas atitudes de coragem e bravura e pela recusa dos aspectos ligados ao universo feminino. A exibição desses valores constitui uma configuração de práticas que corroboram para a manutenção do status masculino, e estas devem ser constantemente repetidas e vivenciadas para que sejam efetivadas.

Nos estudos acerca da construção social da masculinidade, OLIVEIRA (2004: 256) indica que são as vivências interacionais os lugares simbólicos onde esta “masculinidade é (re) atualizada como lugar imaginário”, constituindo um processo de recursividade contínua. Para ele, as:

² Segundo MAMIGONIAN (1960) e SEYFERTH (1974), a evolução da industrialização e o processo de urbanização da cidade de Brusque (que na época compreendia também os municípios de Guabiruba e Botuverá), deu-se de forma lenta. Até meados da década de 1930, o trabalho agrícola sobrepujava-se ao trabalho nas indústrias. Nas décadas seguintes, mesmo os colonos que trabalhavam nas fábricas não abandonaram a exploração de suas propriedades, fazendo surgir o colono-operário, que, mesmo trabalhando na fábrica oito ou nove horas por dia, mantém as atividades agrícolas juntamente com outros membros da família, não transferindo-se para o núcleo urbano.

Vivências interacionais da masculinidade são experimentadas desde a infância até a velhice. Atos tão distintos e isolados como dar um murro na mesa e gritar durante uma partida de truco, engajar-se em brincadeiras ou situações violentas (brigas, trocas de insultos, aplicação de castigos) [...] promover tumultos e atos de vandalismo aos bandos e em lugares públicos [...] assumir de maneira exibicionista responsabilidades tidas como típicas de homem ou então representar papel de cavaleiro em situações específicas; todas essas atitudes, além de muitas outras, enquadram-se dentro daquilo que chamo de vivências interacionais da masculinidade. São acionadas dentro de contextos específicos, expressam simbolicamente valores, afetam e influenciam outras vivências (dos próprios e de outros agentes) e efetivam uma dupla constituição: participam do processo reiterado de configuração da identidade subjetiva, e o mesmo tempo em que reatualizam (“vivificam”) e mantêm o horizonte simbólico que avaliza tais vivências. (OLIVEIRA, 2004:261)

Dessa forma, portar-se de maneira masculina, ou seja, ser aceito socialmente como homem está ligado a um conjunto de atitudes, idéias, valores símbolos e comportamentos que devem ser expressos perante “o outro”, resultando muitas vezes na prática de atos de violência como recurso de manutenção do status masculino. A manutenção desse status social geralmente ocorre, segundo DAVI (2005:85), “como o domínio ou submissão de outros grupos sociais como mulheres, crianças, velhos e homossexuais. Criam-se hierarquias de valores a partir das diferenças sexuais e essas diferenças acabam por transformar em desigualdade, de onde surge a violência.”

A fala de Avelina expõe alguns aspectos dessa violência. No entanto, não poder recusar o convite para a dança demonstra não só a imposição da vontade masculina como também propicia outras reflexões: identifica o portador do sexo masculino como o sujeito, e não como objeto da relação entre homem/mulher. MACHADO (2004), que ao analisar as relações entre masculinidade e violência colheu depoimentos de apenados por crimes de estupro e violência sexual contra mulheres no Distrito Federal, aponta que tais atos estão de acordo com o imaginário erótico cultural segundo o qual a iniciativa sexual é masculina, sendo o feminino o objeto sexual por excelência. De suas análises também emerge a ideia de que o impensado para a mulher é a iniciativa sexual nem o apoderamento do corpo do outro, cabendo a esta apenas a sedução. Dessa forma, um “não” da mulher faz parte de um ritual de sedução, e compete ao homem o uso de estratégias para converter um não em sim. MACHADO (2004) relata ainda que ao receber um não, o homem sente que sua capacidade de sedução está em jogo, e por conseguinte, a sua virilidade possa estar sendo denunciada.

Segundo BOURDIEU (1999:67) “a afirmação constante da virilidade torna-se um traço de personalidade nos homens”. Além disso, a representação da virilidade “deve ser percebida como uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens,

para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.”

A afirmação dos valores viris se apresentam, portanto, como uma forma de manutenção do status de dominação que devem ser demonstrados não somente perante as mulheres, mas também perante o grupo aos quais os homens pertencem. BOURDIEU (1999:66) considera ainda que muitos atos de covardia surgem quando se tem medo de perder a estima ou consideração perante o grupo ao qual a pessoa pertence.

Podemos notar alguns desses aspectos no depoimento de Arnaldo, 89 anos: “*A mulher que negava tinha que ficar sentada por três marcas (...) se ela ia dançar com outro era briga na certa. Se negasse e ia dançar com outro, ia logo tirar satisfação com o homem.*”. Dessa forma, ter seu convite para a dança rejeitado por uma mulher, e ainda ver-se preterido por outro homem perante o grupo ao qual pertencem e ao qual devem demonstrar de forma eminente os valores simbólicos da masculinidade, pode ser fonte de humilhação e desespero, um indício da perda da masculinidade. Segundo DAVI (2005):

A celebração de valores viris tem sua contrapartida nos medos e nas angústias que o feminino faz emergir. Assim, a busca constante pelo ideal de virilidade, pode tornar-se o princípio de uma enorme fragilidade, e esta leva, paradoxalmente, ao recurso obrigatório, por vezes, à violência ou uso de agressões físicas. (DAVI 2005:91)

Ressaltamos aqui que não se pretende generalizar a ideia do uso da violência por parte de toda a população masculina da região, mesmo porque, conforme nos conta Antonio, 82 anos, muitos homens não gostavam das brigas que aconteciam nas domingueiras: “*as vezes a briga começava com os parentes da moça, que vinham defender a irmã ou a prima. (...) Quando a coisa esquentava, eu que não era de briga, pulava pela janela da venda. Tinha muita gente que pulava pela janela, até as moças.*”

Ao avançarmos algumas décadas, verificamos que apesar das mudanças de comportamentos que ocorrem a partir da década de 1970, principalmente entre os jovens, a imagem modelar de masculinidade divulgada e sustentada como um ideal a ser perseguido continua prevalecendo, configurando-se, segundo OLIVEIRA (2004:289) “como um lugar imaginário de sentido estruturante, capaz de tornar objeto de estigma aqueles que não se submetem às suas prescrições.”

Na década de 1970, o município de Guabiruba sofre um processo de reestruturação econômica³, pois é nesse período que a grande maioria da população deixa as atividades rurais e passa a depender economicamente das indústrias existentes na cidade de Brusque⁴.

Segundo FEATHERSONE (1994) as mudanças na economia mundial ocorridas na década de 1970 e 1980, cujos reflexos também podem ser vistos na região estudada, são caracterizadas por uma nova fase do capitalismo, onde a globalização do capital proporcionou também uma inter-relação cultural, promovendo a interação de diversas culturas através do intercâmbio de fluxos culturais globais. A reestruturação no modo de vida das populações rurais da região pode ser vista nos relatos de NIEBUHR (1999: 104/119) em seu trabalho sobre a memória operária de Brusque: nas atividades sociais, tanto no meio rural como no urbano, os jovens operários procuram seguir os novos padrões de comportamento, mesmo que distantes dos grandes centros urbanos. RUFFAT (2002:128) analisando as modificações do vestuário já a partir da década de 1950 entre as populações mais jovens, observa que estes começam a aceitar e absorver novos hábitos motivados principalmente pelos meios de comunicação, pela cultura do consumo vinda dos EUA, e pelo distanciamento, mesmo que periódico, do meio rural no momento em que ingressavam no trabalho fabril.

Neste período, as formas de lazer mais comuns entre os jovens da região do Vale do Itajaí-Mirim eram as “tardes dançantes”. Segundo relatos dos entrevistados, essas “tardes dançantes” aconteciam nos salões das sociedades locais, nos domingos à tarde (geralmente começavam às 15:00h e terminavam às 19:00h), e eram embaladas por conjuntos musicais que executavam músicas dos Beatles e da Jovem Guarda. No repertório dos conjuntos musicais, alternavam-se blocos de músicas mais agitadas para se dançar sozinho com blocos de músicas lentas, geralmente românticas. O ritual se repete nos moldes do passado: na hora de dançar junto, os homens convidam as mulheres para a dança... e estas não podiam negar o convite.

³ A partir da segunda guerra, com o crescimento das indústrias têxteis e a segurança encontrada no trabalho assalariado, e motivados também pela fragmentação constante dos lotes coloniais, muitos colonos deixaram o trabalho agrícola, dedicando-se somente ao trabalho nas fábricas. A partir desse momento, nota-se um adensamento da população, não somente na região central de Brusque, mas também nas áreas suburbanas. A população que vivia de forma dispersa em subúrbios, longe de um centro urbano propriamente dito, conservou por muitos anos hábitos e costumes trazidos desde os primeiros tempos da imigração.

⁴ A cidade de Brusque, no início da década de 1970[□] apresentava uma população aproximada de 35.000 pessoas, contando com um parque industrial de 80 fábricas, 245 casas comerciais, ocupando na época o 4º lugar na arrecadação estadual. Aparelhos de televisão e rádio já eram comuns na época. Para obtenção destes dados foram usados tanto de documentos oficiais emitidos pelos órgãos públicos, como também algumas publicações, de cunho menos formal impressos pela prefeitura municipal juntamente com a secretaria de turismo.

Ivana, hoje com 53 anos nos conta: *“uma vez eu neguei, lá no salão do Guabirubense. Ele ficou tão bravo, virou a mesa e dizia: tu não vais dançar mais com ninguém.”*. Podemos ver através desse relato que, mesmo absorvendo algumas mudanças em relação aos comportamentos citados anteriormente, a configuração das práticas em torno da posição dos homens nas estruturas das relações de gênero parecem ter mudado pouco, ou quase nada. Almir, 51 anos, lembra das vezes que teve que intervir nas brigas que um amigo arrumava por causa das moças que negavam uma dança: *“esse meu amigo era muito encraveiro. Ele bebia e depois queria dançar. As moças não gostavam de dançar com quem tava bêbado. (...) Aí a confusão tava feita. (...) Apartei muita briga dele.”*.

Importante ressaltar que nesse período as mulheres pagavam o ingresso para entrar na “tarde-dançante”, diferente da época das “domingueiras”, quando a entrada para as mulheres era gratuita. Cientes da sua independência que se desenhava timidamente no horizonte, algumas mulheres ousavam enfrentar alguns costumes postos como imutáveis. Solange, 50 anos, relata que *“só dançava com quem queria. Eu pagava a entrada, pagava minha bebida, e não dançava com qualquer um. (...) Eles vinham querendo se esfregar e eu não gostava daquilo. Eu negava e não queria nem saber.”*.

Atualmente percebemos que algumas mudanças estão ocorrendo em relação ao comportamento estabelecido para homens e mulheres, e principalmente que estas mudanças dizem respeito à valorização social dos comportamentos tradicionais masculinos. Se os modelos para o comportamento masculino e feminino são culturalmente construídos, estes podem sofrer modificações através do tempo, sob a influência dos diferentes movimentos e sujeitos históricos. DAVI (2005) coloca que essas mudanças que vem ocorrendo em torno dos comportamentos masculinos e femininos podem ser creditados aos movimentos feminista e homossexual:

As mulheres se tornaram mais atuantes na vida pública fazendo que os homens se sentissem ameaçados no seu terreno. Os (as) homossexuais, por sua vez, vêm construindo novas possibilidades para a construção do masculino. Um homem mais nuançado, mais flexível, preocupado com a beleza interna e externa é fruto dos novos tempos. (DAVI, 2005:105).

Apesar de certos valores conservadores existentes ainda na nossa sociedade, e que por muitas vezes acabam por reforçar também a intolerância, tudo indica que a contínua diversificação dos cenários sociais possibilitem ao homem a oportunidade de se repensar a partir de novos códigos vigentes, diferentes daqueles em que foram inicialmente socializados. Conforme escreve CONNELL (1995:186), “para os homens, a obtenção de uma compreensão mais profunda a respeito de si próprios, especialmente no nível das emoções, constitui uma

chave para a transformação das relações pessoais, da sexualidade e da vida doméstica”. Dessa forma, a flexibilização de modelos de comportamento possibilita diferentes (re) arranjos subjetivos, promovendo a alteração da hierarquização social que representam as relações entre homens e mulheres, podendo contribuir dessa forma para a diminuição da violência.

Referências bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CONNEL, Robert W. **Políticas da Masculinidade**. Educação e Realidade. Porto Alegre: UFRGS, vol. 02, n.2, Jul/Dez 1995.
- DAVI, Edmar Henrique Dairell. **Macho a qualquer custo. Investigação das relações de gênero através da análise de processos criminais. Uberlândia, 1975**. In: Caderno Espaço Feminino. V.13, n.16. Uberlândia, MG: CDHIS, Ago/Dez 2005.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global (nacionalismo, globalização e modernidade)**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. In: SCHPUN, Mônica Raisa. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.
- MAMIGONIAN, Armen. **Brusque: estudo da geografia urbana e econômica**. Álbum do 1º Centenário de Brusque. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960. pgs. 379-396.
- NIEBUHR, Marlus. **Ecos e sombras: memória operária em Brusque-SC na década de 50**. Itajaí: Editora da Universidade do Vale do Itajaí, 1999.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- PIAZZA, Walter. **Folclore de Brusque**. Brusque: Associação Amigos de Brusque, 1960.
- RUFFAT, Michèle. **Modapalavra**. Florianópolis: Editora Insular, 2002.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade. Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez. 1990.
- SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.
- WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. In: Revista Estudos Feministas, vol.9, n.2. Brasília: 2001.